A Loura desposada do sol
na última década do século XIX.

Kalliany Moreira Menezes Vitoriano
Universidade Federal do Ceará - CE

Resumo

O presente artigo busca analisar a cidade de Fortaleza na última década do século XIX, período de mais intenso desenvolvimento intelectual do Ceará. Esse decênio, que apesar de não ter sido poupado pelos rigores das secas, viveu o auge da belle époque, um processo de modernização e remodelação sócio-urbana que excluía e segregava a todos que pudessem manchar a imagem da “loura desposada do sol”. Assim, as luzes da belle époque, além de encandear, formaram sombras, e o excesso de euforia com a modernidade também resultou na resistência às mudanças e na revanche do imaginário religioso popular. Milagres, êxtases e revelações deram voz a velhos e novos profetas que, mesmo revestidos de racionalidade, não tornariam seus prognósticos menos sinistros. Portanto, através de revisão bibliográfica, investigamos o contexto social, tecnológico, intelectual e religioso do fim do século XIX, intentando contribuir com a perspectiva de que Fortaleza foi uma cidade mais que dicotômica, sobretudo plural, caleidoscópica.

Palavras-chave: Memória; Cidade; Século XIX.

Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 24, n. 41, Dezembro de 2023

Blonde married with the sun during the last
decade of the 19th century.

Kalliany Moreira Menezes Vitoriano
Instituto Federal do Piauí - PI

ABSTRACT

This article analyzes the city of Fortaleza, during the last decade of the 19th century, in the period of most intense intellectual development of Ceará. Decade in which, despite not having escaped of the rigors of droughts, the peak of the belle époque as experienced, process of socio-urban modernization and remodeling that, however, excluded and segregated everyone who could tarnish the image of the “blonde married with the sun”. In this way, the lights of belle époque, in addition to blinding, formed shadows and the excess of euphoria with modernity would result in resistance to changes and the revenge of the popular religious imaginary. Miracles, ecstasies and revelations gave voice to old and new prophets who, even dressed on the rationality, would not make their predictions any less sinister. Therefore, through the bibliographical review, we investigated the social, technological, intellectual and religious context of the end of the 19th century, trying to contribute with the perspective that Fortaleza was a city that was more than dichotomous, above all plural, kaleidoscopic.

Keywords: Memory; City; 19th Century.

Introdução

A presente pesquisa busca analisar a cidade de Fortaleza, “a loura desposada do sol”, na última década do século XIX. Esse decênio, apesar de não ter sido poupado pelos rigores das secas, foi o período de desenvolvimento intelectual mais intenso do Ceará (STUDART, 2010, p. 280-281). Naquela época, a capital cearense era comandada pela autoritária oligarquia acciolina (1896-1930), que efetivava a modernização e remodelação sócio-urbana de Fortaleza, a belle époque, que excluía e segregava a “tudo e todos que pudessem macular a imagem asséptica, produtivista e formoseada de Fortaleza” (PONTE, 2000, p. 180).

Sendo assim, quais foram os efeitos dessas mudanças nos hábitos da população? Quais avanços tecnológicos e estruturais Fortaleza desenvolveu nesse último decênio? A euforia com o progresso e a modernização produziu alguma reação contrária? Como reagiram os intelectuais? E as crenças? Com quais expectativas o fortalezense aguardou o novo século? Essas são algumas das questões que a presente pesquisa propõe explicitar.

Intentamos, para isso, através de revisão bibliográfica, estudar o contexto social, tecnológico, intelectual e religioso do século XIX. De modo a analisar mais especificamente a cidade de Fortaleza na última década do século, nos baseamos em autores como Sebastião Ponte (2000), Raimundo Girão (1979) e Sânzio de Azevedo (1989). Da análise de fontes como: atas, jornais, revistas, almanaques, crônicas e romances. Além disso, Câmara Cascudo (2001), Ralph Della Cava (1985), Mary Del Priore (2014), Reinhart Koselleck, (2006), Georges Minois (2016), dentre outros, também contribuíram para nossa compreensão sobre os aspectos sociais e religiosos do Brasil e do mundo naquele período.

Portanto, propomos, citando Albuquerque Júnior (2007, p. 31), “entrelaçar linhas de diferentes cores, eventos de diferentes características, para que se tenha um desenho bem ordenado no final” e o mais próximo do tecido no passado, no caso a cidade de Fortaleza na última década do século XIX. Dessa forma, o estudo busca contribuir com a perspectiva de que a capital cearense no fim do século XIX foi uma cidade mais que dicotômica, sendo plural e caleidoscópica.

A seca dos dois zeros

Fortaleza, a “Loura desposada do sol”, na última década do século XIX, não seria poupada por seu inclemente esposo do flagelo da seca. O Recenseamento de 1890 revela o desfalque populacional devido ao êxodo de grandes levas humanas com destino à Amazônia, com seus 40.902 habitantes (IBGE, 1970, p. 12). Em 1872, seriam 42.458 habitantes na capital cearense. Para Barão de Studart (2010, p. 263), esses resultados eram “todos evidentemente falsos”. Incorretos seriam também os dados do Censo de 1900:

[...] em piores condições que o de 1890, pois que na ocasião em se procedeo, o Ceará se achava a braços com a medonha calamidade da secca. A população abandonando seus lares, fugia aos rigores do flagelo que se generalizou por todo o Estado do Sul e Norte. Muitas Localidades ficaram desertas, outras com um terço, talvez, de sua população (CAMARA, 1901, p. VI).

O Censo de 1900 contabilizava 48.369 habitantes (IBGE, 1970, p. 12). Porém, conforme João Câmara (1901, p. VI), “pelos cálculos dos nascimentos ocorridos na capital durante o ano de 1900 a sua população devia ser de 51.840.”. Somente após 18 longos meses de inclemente seca, em 22 de Dezembro de 1900, copiosas chuvas inundaram o solo “calcinado por um sol de fogo”: “Nesse mez o pluviômetro recolheu 205,5 milímetros, quase tanto quanto nos seis mezes da estação invernososa.” (Ibid., p. IX).

As chuvas abrandaram, também, “as moléstias que reinavam epidemicamente e com caracter assustador, taes como a varíola, o sarampo, adenite infecciosa, e outras do aparelho digestivo, desapareceram, passando-se dia sem se registrar um óbito.” (Idem).

Todavia, apesar da calidez da “seca dos dois zeros”, Fortaleza vivia em pleno auge da belle époque, um processo de modernização e remodelação sócio-urbana que excluía e segregava a todos que manchassem a sua imagem de cidade asséptica, produtivista e formoseada (PONTE, 2000, p. 179). A “gente esquelética do sertão”, que fugia do “anjo do extermínio”, sucumbiria confinada “nos degradantes campos de concentração de flagelados”, para não marcar “a areia das ruas de Fortaleza com os rastros do seu infortúnio” (GIRÃO, 1979, p. 225).

Na autoritária oligarquia comandada pelo presidente Antônio Nogueira Accioly (1896-1930), foram implementadas mudanças substanciais no que diz respeito à modernização e disciplinamento da população de Fortaleza. O Intendente da Capital, Guilherme Rocha, destaca-se como o administrador que dedicou maiores esforços para embelezar a cidade (PONTE, 2000, p. 180).

A fênix renascida

Em 1900, o historiador Paulino Nogueira (apud PONTE, 2000, p. 162) “compara a cidade de poucas décadas atrás com a ‘nova’ Fortaleza daqueles dias. Se a de ontem era ‘recatada’ e ‘muito pequena e atrasada’, a de hoje mais parecia uma ‘fênix renascida, cheia de mocidade e encantos’”. Então, essa Fortaleza refestelava-se com o conforto de alguns avanços tecnológicos, que moldavam e criavam novos hábitos e costumes, como: canalização de água potável (1867); calçamento nas ruas centrais (1857); telégrafo (1879); telefone (1883); Santa Casa de Misericórdia (1861); fábrica de tecido (1883); jornais; biblioteca (1867); linhas de navios a vapor para a Europa e Rio de Janeiro (1866) e estrada de ferro ligando a cidade ao interior (OLIVEIRA, 2009, p. 2; FARIAS, 2015, p. 219). Além de “praças arborizadas, templos majestosos, edifícios elegantes, [...] carros de aluguel, hotéis, quiosques, clube prado, corrida de touros, a cavalo e à bicicleta, quermesses, bazar e demais novidades.” (NOGUEIRA, 1899, p. 144).

O Mercado de Ferro (1897), considerado “o mais belo e confortável prédio construído na cidade numa elegante estrutura metálica”, seguia a tendência europeia e representava mais uma influência francesa na crescente Fortaleza, sendo um símbolo de civilidade e modernidade. Fortaleza, assim como outros centros urbanos naquele fim de século, vivia a febre do afrancesamento (PONTE, op. cit., p. 171; OLIVEIRA, 2013, p. 2-3). “As famílias mais ricas passavam temporadas de férias na Europa ou enviavam seus filhos para lá estudar.

[...] Tinha-se um povo vestido de ternos, luvas e cartolas a falar palavras em francês sob o sol escaldante dos trópicos.” (FARIAS, op. cit., p. 221).

Aliás, quem almejasse o ensino superior deveria buscá-lo fora da província, direcionando seus olhares para cidades como Recife, Salvador e São Paulo. Porém, Fortaleza já contava com boas escolas: “a menina educada pelas francesas Irmãs de Caridade” no Colégio Imaculada Conceição (1864), por exemplo, “canta que nem sabiá, lê como um doutor, e sabe que nem vigário!” (PAIVA, 1889, p. 36 apud CORDEIRO, 2000, p. 138-139). A Escola Normal (1884), por sua vez, era exclusivamente para as aspirantes ao magistério primário. Para os meninos destinavam-se o Seminário da Prainha, o Liceu do Ceará (1845) e o Ateneu Cearense (1863) (CAMARA, 1901, p. VI; FREIRE; SILVA, 2018, p. 443).

Sobre o lazer, o romance “A Afilhada” (1889), de Manoel de Oliveira Paiva (apud CORDEIRO, 2000, p. 138), nos indica os costumes daquela época:

“[...] além das novenas na Praia e da ida ao Passeio Público, as leituras de O Guarani, de José de Alencar e de O Seminarista, de Bernardo Guimarães, eram consideradas obrigatórias, assim como a leitura de jornais já era hábito arraigado), passando também pela política (muito discutida na roda da botica [...]).”

O lazer também foi estendido com o advento da iluminação pública a gás carbônico em 1886, o que teria dado “mais vida e sociabilidade às noites fortalezenses, fazendo com que a população fosse dormir mais tarde.” (PONTE, 2000, p. 165). Contudo, eram nos dias de lua cheia, quando o sistema de iluminação era desligado “por três e até mais dias, cada mês”, devido a carência de carvão de pedra, que Fortaleza animava-se. O “contrato com a lua” era “romanticamente aproveitada” com “serestas que fizeram época e plasmaram mentalidades. E formaram famílias” (ADERALDO, 1950, p. 391).

As noites escuras como breu ainda eram um convite para os jovens, completamente nus, se banharem na Fortaleza das cacimbas e dos chafarizes públicos, como fazia o grupo teatral Taliense de Amadores (fundado em 1898) em pleno coração da Capital, no cacimbão da Praça do Ferreira (LEITÃO, 2002, p. 9-10).

Aliás, “até 1902 a Praça do Ferreira era um denso areal circundado por frades de pedra” e possuía, em seus quatro cantos, os badalados Cafés Java, Elegante, Iracema e do Comércio” (Ibid., p. 15). Assim, à tarde, era possível degustar de um brioche e discutir “as últimas novidades políticas e literárias” com “políticos, intelectuais e boêmios”, como: Antônio Salles, Adolpho Caminha, Álvaro Martins, Lívio Barreto, Rodolpho Theophilo, Antônio Bezerra, Henrique Jorge, Barão de Studart, Tomás Pompeu, Papi Júnior, Farias Brito, Quintino Cunha, Juvenal Galeno e João Brígido (AZEVEDO, 1989).

Ainda, “no entorno da Praça do Ferreira estavam os principais estabelecimentos comerciais, repartições públicas e o ponto de partida e chegada dos bondes.” (PONTE, op. cit., p. 171). Bondes puxados a burros (1880), que “quando algum emperrava, era estimulado pelo chicote e pelos gritos de seu mestre, que berrava o nome do bicho a plenos pulmões” (LEITÃO, op. cit., p. 22). Esses veículos eram aguardados ansiosamente pelas moças nas janelas, que flertavam com seus passageiros, possíveis futuros pretendentes (PONTE, op. cit.,

p. 170).

Os bondes também acompanhavam os limites do espaço urbano, que eram determinados por três bulevares (1875): “as atuais avenidas do Imperador, Duque de Caxias e Dom Manuel” (PONTE, 2001, p. 23 apud OLIVEIRA, 2009, p. 10). O traçado urbano na forma de xadrez “agilizava o fluxo de pedestres, carros e mercadorias” e “dificultava possíveis ocorrências de revoltas e distúrbios, facilitando a vigília dos poderes públicos sobre a capital.” (PONTE, 2000, p. 166).

Contudo, Fortaleza era “das dunas errantes e livres como o espírito de sua população” (ADERALDO, 1950, p. 397). Apesar da calçada e das iniciativas modernizantes, as correntes de areia persistiam em castigar seus notáveis habitantes, lembrando-os constantemente da outra face da cidade (VIEIRA, 2005, p. 35 apud OLIVEIRA, 2009, p. 12).

A Fortaleza que se tinha

Os bulevares, “símbolo da modernidade”, marcariam, no entanto, “a fronteira (real e simbólica) entre a ‘Fortaleza que se queria’ e a ‘Fortaleza que se tinha’.”. Para além dos bulevares, imperavam as areias, “o reverso da cidade” e “antichidade”. Seus bairros periféricos “pouco sentiam a presença ou os efeitos da modernização propalada.” (JUCÁ, 2004, p. 129 apud OLIVEIRA, 2009, p. 11). E, a segregação e exclusão ultrapassariam, também, as fronteiras físicas:

“O Passeio Público, tão reputado, se compunha de três avenidas, cada uma reservada a uma camada social. O “Clube Cearense”, criado em 1867, não era freqüentado senão pelos grandes comerciantes conscientes de seus laços com a Europa. A Avenida Sete de Setembro que partia da Praça do Ferreira era reservada às elites durante o carnaval” (SANTIAGO, 2004, p. 61-62 apud OLIVEIRA, 2009, p. 11).

A busca por modernizar e embelezar a cidade também estendia-se àqueles “que, por não se enquadrarem nas regras de urbanidade e modernidade, deveriam ser ordenados, civilizados e vigiados” (OLIVEIRA, op. cit., p. 23). Portanto, “tudo e todos que pudessem macular a imagem asséptica, produtivista e formoseada de Fortaleza, foram sendo estrategicamente confinados em locais afastados”. Desse modo, os mortos, para o novo cemitério São João Batista (1872), na Jacarecanga; os doentes contagiosos, para o Lazareto da Lagoa Funda (1856); os pobres, para a Dispensário dos Pobres (1885), no Benfica; os loucos, para o Asilo de Alienados São Vicente de Paulo (1886), na Parangaba; os idosos pobres, para o Asilo de Mendicidade (1878), na Aldeota; os retirantes, para os abarracamentos na periferia e os “vadios” (desempregados), para a cadeia (PONTE, 2000, p. 179).

Era uma Fortaleza que, outrora fora “bela e recatada”, ou pelo menos era o que se buscava mostrar. Entretanto, os “registros policiais, nas entrelinhas dos jornais e nas festas populares” revelavam uma realidade diferente daquela cidade namoradeira, dos flertes nas ruas mal iluminadas nas noites de plenilúnio. Mostravam a Fortaleza das jovens mães solteiras, do consumo de éter e cocaína e dos crimes cometidos com bengalas e facadas (CAMPOS, 1996 apud OLIVEIRA, 2009, p. 6-7). Escândalos denunciados, por vezes, com sarcasmo e

deboche pela pequena elite intelectual fortalezense, apelidada pejorativamente de “Ceará Moleque”.

Segundo Ponte (2000, p. 174), a jovem boêmia “literária e ética” de Fortaleza, frequentemente, “recorria à irreverência e transgressão” para protestar contra “a ordem normatizadora intentada para a cidade pelos poderes e saberes civilizatórios.”. Suas manifestações, no entanto, não conseguiam mudar a realidade “sequer um centímetro”. O povo apenas “assistia descurioso às bulhas jornalísticas, até divertidas, das descomposturas e dos insultos.” (GIRÃO, 1979, p. 225-226).

O esplendor das letras

Para Barão de Studart (2010, p. 280-281), a década de 1890 “foi um período áureo para as letras, talvez, o “período mais fecundo, de mais intenso desenvolvimento intelectual” do Ceará. Havia “uma verdadeira competição nos domínios das letras”. É nesse decênio que surge a “primeira grande agremiação cultural e sem dúvida a mais original de todas do Ceará”: a Padaria Espiritual (1892-1898) (AZEVEDO, 1989, p. 184). O Brasil “só veria, com o fenômeno cultural assim tão diferente e criativo trinta anos depois, em 1922, com o movimento modernista, em São Paulo.” (PONTE, 2000, p. 176). Foram abrigados escritores como Antônio Sales, Adolfo Caminha, Lívio Barreto, Álvaro Martins, Rodolfo Teófilo, Antônio Bezerra; e músicos, como Henrique Jorge (AZEVEDO, op. cit., p. 184). Destacou-se, ainda, a Academia Cearense (futura Academia Cearense de Letras), fundada em 1894, antes mesmo da Academia Brasileira de Letras, instituída em 1898. Sua “Revista da Academia Cearense”, que circulou entre 1896 e 1914, era composta por diversos intelectuais, dentre eles: Barão de Studart, Tomas Pompeu, Farias Brito, Justiniano de Serpa e Padre Valdivino Nogueira (Ibid., p. 187-188). O Centro Literário (1894-1904), em sua revista “Iracema” (1895-1900), “reuniu nomes da maior significação em nossas letras”, como Papi Júnior, Guilherme Studart, Antônio Bezerra, Rodolfo Teófilo, Quintino Cunha, Juvenal Galeno e Farias Brito, dentre outros (AZEVEDO, 1989, p. 189). Além, é claro, do conceituado Instituto do Ceará, fundado em 1887, com a finalidade de “tornar conhecidas a história e a geografia da Província e concorrer para o desenvolvimento das letras e sciencias.” (ESTATUTOS, 1887, p. 9). Sua autoridade científica contribuiria para legitimar a identidade regional no Ceará, “conferindo-lhe um lugar na história nacional.” (FREIRE; SILVA, 2018, p. 441). Dentre seus sócios, destacamos: Paulino Nogueira, Barão de Studart, Antônio Bezerra, Juvenal Galeno e Virgílio Brígido e Thomaz Pompeu. (MESA ADMINISTRATIVA, 1887).

Esses intelectuais bebiam das:

“[...] idéias científicas, com a crítica de Taine subordinando obra de arte ao meio, à raça a ao momento; com o Positivismo de Comte, e sua recusa do metafísico; com o evolucionismo de Darwin, a Geografia de Ratzel, a História de Buckle, enfim, todo um elenco de idéias que apontavam para o materialismo [...]” (AZEVEDO, op. cit., p. 181).

Todavia, suas inclinações eram bem diversificadas:

“Houve aqueles que acreditaram tanto na filosofia do progresso e da regeneração política, como Antônio Sales e Álvaro Martins (O Pão, 10.07.1895, p. 5, e 17.0.1895), ou ainda os que anunciavam com pessimismo e melancolia a descrença e o fim trágico da civilização industrial, a exemplo de Lívio Barreto, Lopes Filho e Cabral de Alencar” (CARDOSO, 2002, p. 63).

Em sua obra sobre o decadentismo cearense, Oliveira (2002, p. 86) destaca, ainda, Farias Brito, integrante do Club Literário (1886), que repudiou recorrentemente, no periódico “A Quinzena” (1887-1888), a “febre científica de sua época” e a “apologia ao utilitarismo”, que, em seu entender, desvalorizava a poesia e outras formas de arte naquele fim de século.

Assombros da época

As luzes da belle époque, além de terem encandeado, formaram sombras; e o excesso de euforia com a modernidade também resultou em desilusões com a não realização dos ideais, em resistência às mudanças e à revanche do sagrado. Isso pode ser observado no trecho a seguir:

“A modernidade dos bondes, da luz elétrica e do telefone trazia também uma resistência às mudanças. Vivia-se o que um historiador denominou de “a revolta contra a razão”. Em revanche, recorria-se ao fantástico e ao imaginário popular, recheado de fadas, demônios e aparições”. (DEL PRIORE, 2014, p.113)

Essa revanche encontrou terreno fértil em Fortaleza, onde o catolicismo era tão miscigenado quanto seu povo. Sua população seguia práticas como acender velas para os santos, consultar os astros, usar simpatias para casamentos e chamar chuva, além das crenças em folclores como assombrações, mula-sem-cabeça, mesas que giram e profecias de fim do mundo. Já nos meios intelectuais e burgueses buscavam-se as doutrinas constituídas “cientificamente”. No entanto, a crença no sobrenatural, também, envolveria “as ideias, as ciências e as letras”, como o magnetismo e o espiritismo. A Doutrina Espírita (1857) articulava os conceitos de “morte, evolução e progresso” através da reencarnação da alma (Idib., p.120-121).

Em Fortaleza, o jornal “A República” divulgou, entre 1892 e 1894, um “Grande e variado espectáculo de adivinhação, ilusão, magnetismo e hypnotismo.”: o “ASSOMBRO DA EPOCHA!”. Este baseava-se unicamente nos “poderosos agentes da natureza: Magnetismo e espiritismo” e enfatizava “NADA DE APPARELHOS!”, além de proclamarem: “Abaixo o carrancismo!” (THEATRO..., 1893, p. 4, grifos do autor). Os espetáculos realizados por ilusionistas e prestidigitadores exibiam, dentre suas atrações: “Os aneis de Satanaz, ou a rara habilidade do mesmo”, “O Grande poder da FADA MARAVILHOSA”, “O poder dos espíritos”, “Vinte minutos entre os mortos” (Idem), “adivinhar pensamentos”, “BRUXARIAS fantásticas”, “magnetismo animal”, “A escritura dos espíritos”, “Os três estados do magnetismo em pratica” e “A maior maravilha do mundo o milagroso fenômeno. A MULHER COMPLETAMENTE NO AR” (THEATRO..., 1894, p. 3).

Esses shows camuflavam as práticas, visto que, em 1890, o Código Penal considerou o Espiritismo crime contra a tranquilidade pública e, mais especificamente, crime contra a saúde pública, em seus artigos

156-158. Mesmo com o Regime Republicano prometendo garantir “a plena liberdade de culto e a total separação entre o Estado e a Igreja” e o Espiritismo contando com “inúmeros representantes da intelectualidade ou da elite política”, como o ilustre cearense Bezerra de Menezes. Conhecido como “médico dos pobres”, Menezes aderiu ao espiritismo em 1886 numa conferência pública na Federação Espírita Brasileira, e dedicou sua vida à caridade. Todavia, nessa última década (1891-1900), cerca de trinta pessoas no Brasil ainda seriam processadas e acusadas de curandeirismo, cartomancia e espiritismo (DEL PRIORE, 2014, p. 64-111). Como é referido no excerto abaixo:

“Durante o século XIX, a ciência tentou afogar o maravilhoso: sem sucesso. O século XIX foi, também, aquele em que o poder sobrenatural se confrontou com o institucional. A ordem lógica não conseguiu se impor, apesar de todas as conquistas da ciência. E o que se viu foi a reação da Igreja, de políticos, de médicos e de laicos diante do avanço quase inexorável do irracional. Empurrado para a marginalidade ou a clandestinidade, o sobrenatural progrediu”. (Idib, p.119-120)

De acordo com Minois (2016, p. 511), o século XIX foi “um século aberto para o futuro” e, para controlar esse futuro, (res)surgem uma infinidade de profetas e “profecias de realização de esperanças ou profecias de vingança da parte das vítimas, dos frustrados e dos abandonados da evolução”. As classes médias consultavam “astrólogos, espíritas, cartomantes, enquanto o mundo rural segue o almanaque e recolhe as profecias das aparições marianas.” (Ibid., p. 678). As elites intelectuais, por sua vez, recorriam aos novos profetas: utopistas, cientistas, socialistas, sociólogos e autores de ficção científica. (Ibid, p. 515).

Os novos profetas da ciência moderna carregariam seus prognósticos de razão e verdade. No entanto, tal racionalidade não os tornariam menos sinistros e oportunistas, como o astrônomo Rodolphe Falb. Professor de geologia da Universidade de Viena e de matemática em Praga, Falb teria alertado que a colisão do cometa Biela com a Terra provocaria “a morte de todos os habitantes do nosso planeta em 13 de novembro de 1899.” (FIM..., 1899, p. 3). De acordo com o jornal A República, essa notícia provocou grande terror em seus leitores (O FIM..., 1894, p. 2).

Assim, as páginas dos jornais revelam que a capital cearense não seria apenas a representante do racional, expressão do progresso e das novidades europeias, mas, também, um espaço fértil do nosso imaginário popular. (MENEZES, 2007). E o litoral acolheu abundantes augúrios vindos do sertão, que provocaram temor e esperança.

Segundo Cascudo (2001, p. 458-459), nos despojos do Arraial foram encontrados incontáveis cadernos de profecias, sendo alguns atribuídos ao cearense de Quixeramobim, Antônio Vicente Mendes Maciel (1828-1897). Diversos jornais de vários estados publicaram uma “Cópia fiel de um folheto manuscrito encontrado em Canudos”, o que constata a grande circulação dessa profecia encontrada no “antro do fanatismo” (ACCIOLY, 1897, p. 5). Entretanto, tal profecia ganharia autoridade e reconhecimento, pois não seria meramente evocada pelo “fanático” e “monarquista” Antônio Conselheiro. O próprio teria se baseado na profecia de um

personagem santificado na memória do povo, Frei Vidal da Penha, que legitimaria o interesse dos jornais e dos intelectuais racionais a reproduzirem, divulgarem e discutirem amplamente os enigmas aos quais se referiu.

Accioly (1897, p. 1), no jornal “Cidade do Rio”, revela a popularidade da profecia: “Hoje, no Ceará, por toda parte, está espalhada a profecia, é comentada e explicada, [...]”. Assim, evidencia-se o interesse em decifrar os enigmas que se tornariam a chave do entendimento de quando e onde se iniciaria o fim dos tempos.

De dois a dois VV, um de pernas para baixo e outro de pernas para cima, quatro voltas de um compasso, vae chegando a um ponto, de disforme mortação; (aqui dizem os interpretes que o propheta se refere claramente a Canudos e então combinam os signaes de modo que arranjam a palavra Canudos) no meio ponde a thesoura e verás a guerra consumidora e o tempo será tal que tudo irá afinal (Idem)

Para Cascudo (2001, p. 454), essa seria a profecia-padrão, pois, em sua incompreensibilidade, caberiam todas as interpretações e desejos. Euclides da Cunha (2002, p. 108), em “Os Sertões” (1902), transcreveu alguns desses augúrios que sentenciaram e, por sua vez, marcaram o imaginário acerca do século XX:

“Em 1897 haverá muito pasto e pouco rasto e um só pastor e um só rebanho.

Em 1898 haverá muitos chapéus e poucas cabeças. [...]

Em 1900 se apagarão as luzes. Deus disse no Evangelho: eu tenho um rebanho que anda fora deste aprisco e é preciso que se reúnam porque há um só pastor e um só rebanho!”

Levine (1995, p. 284) encontrou, também, um manuscrito dessa profecia indicando que as luzes iriam se apagar em 1901. O texto seria atribuído a um profeta chamado Jeremias. Levine (1995) atribui ainda os medos e expectativas causados pela aproximação da data milenarista de 1900 ao profeta, pois os sertanejos, distantes da escatologia do catolicismo oficial, se inspiravam mais nas ameaças do “fim do mundo” baseadas nos discurso terrorífico de profetas populares, como na tradição oral e na memória regional. Assim, os sertanejos viriam na abolição da escravatura, no exílio do imperador Pedro II e na penetração ampla do governo republicano em suas vidas, os sinais da proximidade do Dia do Juízo Final.

É importante destacar, conforme Ginzburg (1987, p. 80), que, para além do texto, é crucial considerar a chave dessas leituras. No caso, trata-se da rede que os leitores, de forma inconsciente, teciam entre eles e o material impresso. Esse filtro atuava sobre suas memórias, alterando e remodelando suas interpretações, destacando determinadas passagens enquanto obscurecia outras, amplificando o significado de certas palavras ou retirando-as do contexto. O que pode também ser chamado de imaginário. Esses imaginários ressoaram e se concretizaram em cópias fiéis de folhetos manuscritos, persistindo ao longo do século XIX e além, gerando e alimentando uma variedade de visões e representações. Assim, proporcionaram uma abordagem única para experienciar e atribuir significado ao devir.

O crepúsculo do século das luzes

31 de dezembro de 1900. Fortaleza, contra os seus velhos hábitos, não se deitou às 9 horas. Toda assanhada, toda casquilha, vestindo a melhor roupa domingueira, veio para a rua. Ninguém ficou em casa. Nem

os velhos, nem as crianças. Toda a gente queria ver as festas que iam celebrar-se. A população estava arrepiada de curiosidade pelo programa das comemorações retumbantes, em regozijo da entrada do século XX, o qual era de deixar todo mundo sacudido de um nervosismo fora do comum (A República apud MENEZES, 2000, p. 117).

Assim, o nascer do novo século foi aguardado “com toda pompa e circunstância, digna da grandiosidade que preconizava ‘o século de ouro como chamam uns e da eletricidade, como dizem outros’.” (TABAJARAS, 1901, p. 4 apud VITORIANO, 2020).

Na casa de António de Papi Júnior, Presidente do Centro Literário, diversas associações reuniram-se para “celebrar condignamente a passagem do século XIX e o despontar do novo século” (BARREIRA, 1987, p. 241). Nessa ocasião, foi redigida uma Ata com os pensamentos contrastantes dos convidados acerca da nova centúria, nos quais destacamos expectativas utópicas calcadas no “mito do progresso” e na crença da evolução contínua da humanidade (PESAVENTO, 1994, p. 126), como nota-se no trecho: “Observando os factos acontecidos no século XIX, creio que inevitavelmente o século XX será de paz universal, pois a lei da evolução que traz o aperfeiçoamento da humanidade assim o determina – J. L. de Castro e Silva.” (BARREIRA, op. cit., p. 243).

Entretanto, a compreensão acerca do amanhã não seria construída da mesma maneira, pois “o que se espera para o futuro está claramente limitado de uma forma diferente do que foi experimentado no passado.” (KOSELLECK, 2006, p. 311). E, ao lembrar as vivências do passado, o temor de que o próximo século fosse trágico, assombrou os pensamentos de Rodrigues de Carvalho (apud BARREIRA, 1987, p. 243), como observa-se em: “O século XIX foi uma tragédia em Santa Helena: Napoleão foi a primeira cena, Cronje o derradeiro acto.”.

Freire Vasconcelos (apud BARREIRA, op. cit., p. 244), por sua vez, declamou “a ruidosa alegria”, que o alvorecer de um novo século provocaria ao pagar:

“O desengano passado
E os dissabores
De todo tempo findado
Por entre dores...”

Portanto, foi entre alegrias, desenganos e dores, que nos despedimos do século XIX. O século das luzes, época do progresso, serviu como motor impulsionador, acendendo as esperanças milenaristas de um futuro glorioso e os temores escatológicos de um desfecho sombrio. Otimismo e pessimismo, racionalidade e religiosidade, progresso e decadência, foram características distintivas desse período que revelou-se plural e caleidoscópico.

Conclusão

Na última década do século XIX, a cidade de Fortaleza experimentou o período de maior desenvolvimento intelectual do Ceará. Esse período de dez anos, apesar de não ter sido poupado pelos rigores das secas, viveu o auge da belle époque, o processo de modernização e remodelação sócio-urbana que excluía e segregava a todos que pudessem manchar a imagem da “loura desposada do sol”.

Contudo, Fortaleza era livre como suas dunas; e além dos limites do espaço urbano, as areias imperavam. Nos bairros periféricos da cidade pouco se sentiam os efeitos da modernização. Então, uma outra Fortaleza era revelada nos registros policiais e nas críticas dos jornais: a cidade das jovens mães solteiras, do consumo de cocaína e dos crimes de facada. A segregação e exclusão ultrapassariam, também, as fronteiras físicas.

Assim, as luzes da belle époque, além de terem encandeado, também formaram sombras e o excesso de euforia com a modernidade resultou na resistência às mudanças e na revanche do imaginário religioso popular. Milagres, êxtases e revelações deram voz a velhos e novos profetas, que mesmo revestidos de racionalidade não tornariam seus prognósticos menos sinistros. São esses fatos que nos revelam que a capital cearense não seria apenas a representante do racional, expressão do progresso e das novidades europeias, mas, também, um espaço fértil do nosso imaginário popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACCIOLY, Antonio Pinto Nogueira. **Assembléa Legislativa do Ceará**. Fortaleza, 01 jul. 1897, p. 4-5.
- ADERALDO, Mozart Soriano. Discursos. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, tomo LXIV, ano LXIV, p. 390-399, 1950.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: EDUSC, 2007.
- AZEVEDO, Sânzio de. Grêmios Literários do Ceará. In: SOUZA, Simone (Coord.) **História do Ceará**. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará/ Fundação Demócrito Rocha/ Stylus Comunicações, 1989, p. 180-192.
- BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense**. Monografia n. 18, tomo I. Imprensa Oficial do Ceará – IOCE: Fortaleza, 1987. (Coleção Instituto do Ceará).
- CAMARA, João. **Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterario do Estado do Ceará para o anno de 1902**. Fortaleza: Typ. Economica, 1901.
- CAMPOS, Eduardo. **O Inventário do Cotidiano: Breve Memória da Cidade de Fortaleza**. Fortaleza: Edições Fundação Cultural de Fortaleza, 1996.
- CARDOSO, Gleudson Passos. Literatura, imprensa e política (1873-1904). In: SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (org.). **Intelectuais**. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2002, p. 41-72.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. São Paulo: Global, 2001.

CORDEIRO, Celeste. O Ceará na segunda metade do século XIX. In: SOUSA, Simone de. (Org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 135-161.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. [1902]. São Paulo: Nova Cultura/ Suzano, 2002.

DEL PRIORE, Mary. **Do outro lado**: a história do sobrenatural e do espiritismo. São Paulo: Planeta, 2014.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ESTATUTOS. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, tomo I, p. 9-11, 1887.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2015.

FIM DO MUNDO. **A Cidade**, Sobral, 11 mar. 1899, p. 3.

FREIRE, C. DE S.; DA SILVA, A. P. B. R. O Instituto do Ceará e a intelectualidade cearense: Identidade regional, sociabilidade e escrita da história da abolição na província. **Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, v. 10, n. 3, p. 440-463, 15 out. 2018.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia Estética de Fortaleza**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A. 1979.

IBGE. Fortaleza/Ceará. Coleção Monografias, n. 473, 1970, p. 12. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/113/col_mono_n473_fortaleza.pdf. Acesso em: 28 abr. 2022.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. A modernização de Fortaleza e o cotidiano da população: 1930-1960. In: GADELHA, Francisco Agileu de Lima; DAMASCENO, Francisco José Gomes; SILVA, Marco Aurélio Ferreira da (Org.). **Outras Histórias: Fortaleza, cidade(s), sujeitos(s)**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

LEITÃO, Juarez. **A Praça do Ferreira**: República do Ceará-Moleque. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2002.

LEVINE, Robert M. **O sertão prometido**: o massacre de Canudos no Nordeste brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. **Gênese do imaginário social dos sertões entre história & ficção**. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza, 2007. p. 69-106.

MENEZES, Raimundo de. A passagem do século. In: _____. **Coisas que o tempo levou: crônicas históricas da Fortaleza antiga**. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2000, p. 117-119.

MESA ADMINISTRATIVA. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, tomo I, 1887.

MINOIS, Georges. **História do futuro**: dos profetas à prospectiva. São Paulo: Ed. Unesp, 2016.

NOGUEIRA, Paulino. Um Epitáfio na calçada. In: CAMARA, João. **Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterario do Estado do Ceará para o anno de 1900**. Fortaleza: Typ. Economica, 1899, p. 144.

O FIM DO MUNDO. **A República**, Fortaleza, 05 mar. 1894, p. 2.

OLIVEIRA, Caterina M. de Saboya. Há 100 anos... **O Povo**, Fortaleza, 31 dez. 2000, p. 1.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. As idéias científicas do século XIX no discurso do club literário. In: SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (org.). **Intelectuais**. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2002, p. 73-96.

OLIVEIRA, José de Arimatéa Vitoriano de. Uma cidade em construção: modernidade, cotidiano e imaginário na Fortaleza de finais do século XIX e princípios do século XX. **Revista Espacialidades** [online], v. 2, n. 1, p. 1-31, 2009.

OLIVEIRA, Raimundo Nonato Nogueira de. Processo de Modernização de Fortaleza. **Anais da Semana de História da Feclesc**. 2013, p. 1-16. Disponível em: http://uece.br/eventos/semanadehistoriadafeclesc/anais/trabalhos_completos/72-17846-20112013-173837.pdf. Acesso em: 10 mai. 2022.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Um novo olhar sobre a cidade: a nova história cultural e as representações do urbano. In: MAUCH, Cláudia. et. al. **Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994, p. 126-143.

PONTE, Sebastião Rogério. A Belle Époque em Fortaleza; remodelação e controle. In: SOUSA, Simone de. (Org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha. 2000. p. 162-191.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. 3. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

RIOS, Kênia Sousa. **Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

S., A de. Uma Prophecia. **Cidade do Rio**, Rio de Janeiro, 13 abr. 1897, p. 1.

SANTIAGO, Pádua. Pirambu: espaço estratégico de inserção no 'modelo hegemônico de bem-estar e estar bem no mundo'. In: GADELHA, Francisco Agileu de Lima; DAMASCENO, Francisco José Gomes; SILVA, Marco Aurélio Ferreira da (Org.). **Outras Histórias: Fortaleza, cidade(s), sujeitos(s)**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Eusébio de. No tempo de Frei Vidal... In: _____. Pela História do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, p. 115-120, 1934.

STUDART, Guilherme, Barão de. **Geographia do Ceará**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010. Texto editado conforme edição 1924.

TABAJARAS. Chronica. **A Cidade**, Sobral, 1 jan. 1901, p. 4.

THEATRO S. Luiz. **A República**, Fortaleza, 28 set. 1894, p. 3.

THEATRO S. Luiz. **A República**, Fortaleza, 17 fev. 1893, p. 4.

VIEIRA JR., Antonio Otaviano. **Entre o Futuro e o Passado:** aspectos urbanos de Fortaleza (1799-1850). Fortaleza: Museu do Ceará, 2005.

VITORIANO, Kalliany Moreira Menezes. Memórias do Porvir: o futuro na aurora do século XX. In: RAMOS, Francisco Régis Lopes. (Org.). **História, memória e historiografia.** Sobral, CE: Sertão Cult, p. 69-84, 2020.